

“A MINHA PAIXÃO É ETERNA”

CARVALHO, Manuella Pereira¹; SPAREMBERGER, Alfeu²

¹Universidade Federal de Pelotas- manupc22@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho pretende verificar como funcionam os espaços externo e interno na obra *Eterna Paixão* (1994), do escritor guineense Abdulai Sila, numa configuração relacionada à ideia de nação imaginada, já que o problema está no conceito de comunidade, uma vez que: “Enquanto categoria, a comunidade permite uma divisão entre o privado e o público, o civil e o familiar; porém, enquanto discurso performativo, ela encena uma impossibilidade de traçar uma linha divisória entre os dois” (BHABHA, 2007). Nesse sentido, analisa-se como o conceito de comunidade desestabiliza, rompe com a “grande narrativa globalizadora do capital, desloca a ênfase dada à produção na coletividade ‘de classe’ e rompe a homogeneidade da comunidade imaginada de nação” (BHABHA, 2007). Com efeito, é preciso analisar como funciona essa desestabilização, isto é, de acordo com o contexto da obra estudada.

Eterna paixão narra a história de Daniel Baldwin, engenheiro agrônomo, que após formar-se e casar-se com Ruth, uma jovem africana e idealista como seu marido, emigra para um país, o qual não é nomeado, mas subtende-se ser do continente africano: “Lembrava-se, com gratidão, que fora igualmente Mark quem primeiro lhe falara da outra África, aquela que nunca aparecia nos meios de comunicação e da qual tão pouco se sabia” (SILA, 1994). O casal, já na África, tem estabilidade financeira, já que ocupa altos cargos administrativos, possuindo uma boa condição financeira. Com o passar do tempo, em virtude de posições político-ideológicas opostas, o casal acaba distanciando-se, já que Ruth passa a identificar-se com o capital estrangeiro, deixando de lado os ideais africanos e toda a sua concepção anterior de busca pelo desenvolvimento sustentável africano. Daniel, contrariamente, consegue tornar realidade o seu projeto de sustentabilidade através da terra, ou seja, da valorização e bom uso dela, apostando na modernidade, assim como no povo que compõe esse local.

Dessa maneira, ao longo da narrativa, percebe-se que Daniel agregou os ideais africanos, os quais ele incorporou rapidamente, desde os costumes, as vestimentas até a língua. Como ressalta HALL (2004), a identidade nacional é algo que se constrói ao longo da existência, não necessariamente se nasce com ela, isto é, pode ser construída na representação. A personagem, ao pôr em prática suas intenções de sustentabilidade em uma comunidade denominada Woyowayan, promove o que expõe CHATTERJEE (2000) ao defender que o nacionalismo tenta realizar seu projeto mais importante historicamente, o qual aposta em uma cultura nacional moderna, entretanto, não ocidental. Com efeito, emerge uma nação imaginada e esta já é pensada ainda no colonialismo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Com a ampliação no âmbito da pesquisa em literatura comparada, em que não há mais aquele olhar tradicional, visto que se passa a estudar a relação da

literatura com a sociedade, com o público leitor e também com a sua importância cultural, o trabalho pretende analisar como se encontram, como agem os sujeitos que ocupam um espaço fora da tradição ocidental. Nesse sentido, em virtude dos estudos culturais, do diálogo entre diferentes esferas do conhecimento humano, aliado aos discursos subalternos, passou-se a considerar a produção periférica ou “ex-cêntrica”, na definição de HUTCHEON (1991).

Com efeito, a partir dos estudos e pesquisas, percebeu-se que a literatura dos colonizados mostrou-se interessante e singular, contribuindo para o reconhecimento de outras culturas e o processo de inclusão das mesmas no âmbito da pesquisa em literatura comparada. Dessa forma, o presente projeto efetiva uma pesquisa de natureza interdisciplinar, visto que se levará em consideração diferentes campos do saber humano como a literatura, a filosofia, a sociologia, focados no período pós-colonial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os domínios do público e do privado, desde o pensamento grego, são esferas diferentes, pois a capacidade humana de organização política é distinta da organização natural, que é a família, o lar. Com o surgimento da Cidade-Estado, é como se o homem tivesse recebido uma outra vida. Nesse sentido, é como se o cidadão tivesse duas vidas: a pública e a individual. Contudo, com o surgimento da esfera social, nota-se uma nova configuração que: “estritamente não era nem privada nem pública, é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincidiu com a eclosão da era moderna e que encontrou sua política no Estado-Nação” (ARENDRT, 2010). Dessa maneira, verifica-se que a linha divisória entre ambos os domínios parece estar inteiramente difusa, já que essa esfera social é um conjunto de famílias estruturadas, com administrações coletivas. Recebe o nome de sociedade, é economicamente organizada e “sua forma política de organização é denominada ‘nação’” (ARENDRT, 2010).

Contudo, ainda há uma distinção entre a esfera do lar e da vida pública, já que nesse primeiro espaço o homem vivia organizado com a finalidade de suprir suas carências e necessidades, em virtude de este ser um espaço propício para isso. Além de espaço voltado para a manutenção da espécie, atendia a necessidade da convivência com os outros.

A partir dessas exposições teóricas de um olhar, o qual advém de um contexto, ou seja, de um espaço em que os domínios são claros, marcadamente de sujeitos centrados, em que se consegue definir quem são os bons e os maus, evidencia-se a dificuldade de compreender e teorizar sobre esse novo espaço. Dessa maneira, verifica-se que não há ainda uma definição que dê conta dessa nova configuração que é o pós-colonialismo.

Com efeito, entende-se que há todo um contexto local e por sua vez histórico que revela uma postura ideológica marcada e é desse espaço que o pós-colonial enquanto teoria pretende demonstrar de uma forma crítica os valores, os modos de vida e as estruturas sociais em relação aos fundamentos eurocêntricos. Como resultado, a teoria pós-colonial, ao mesmo tempo em que realiza uma crítica, problematiza outras questões como o espaço, nação e identidade, além de alertar para uma perspectiva mais humana, social ou transnacional, devido aos deslocamentos desses sujeitos que ocupam esse local.

Todas essas proposições denotam um tipo de pensamento como o de Hommi K. Bhabha que centra suas observações na configuração de uma cultura transnacional, devido a toda uma mobilidade de indivíduos, logo configurando

novos territórios. Nesses espaços há uma configuração múltipla, heterogênea, já que se constituem por um hibridismo cultural, pela alteridade e logo se verifica uma identidade, de conotação móvel, sem fixidez devido aos “deslocamentos ou dos desvios da globalização” (HALL, 2004). Nesse sentido, demonstra-se que não existe apenas uma configuração central, visto que ocorrem outras concepções periféricas.

Contudo, vale ressaltar que a teoria pós-colonial não é uma teoria fechada de um período histórico correspondente a um determinado local, isto é, como se o colonialismo estivesse fechado, pois como expõe Stuart Hall, críticos que realizam tais afirmações preferem vivenciar uma cultura de sujeitos centrados, em que se definam apenas quem é bom ou mal, ou melhor, que estejam em posições bem definidas, em virtude de que assim é mais fácil traçar o contexto político e histórico. O pós-colonialismo introduz a diferença, ou seja, revela aspectos deixados de lado pela cultura eurocentrista. Como consequência, o Outro passou a ter voz: “O Outro deixou de ser um termo fixo no espaço e no tempo externo ao sistema de identificação e se tornou uma exterioridade constitutiva simbolicamente marcada, uma posição de forma diferencial dentro da cadeia discursiva.” (HALL, 2004). Com isso, revela-se que as alterações nas relações de poder, dominação e resistência podem ser inscritas nas narrativas de uma forma diferenciada, denotando outras formas de relações humanas e sociais.

Nesse sentido, é preciso levar em consideração as proposições de CHATTERJEE (2000), em que as questões imbricadas no contexto político e histórico do pós-colonial são conduzidas para a esfera do social. Com efeito, podemos compreender como funcionam os espaços do público e do privado, ou melhor, os espaços externo e interno e, com isso, conseguimos explicar porque muitos africanos, que no período colonial lutavam contra o racismo e contra o colonialismo, acabaram tornando-se corruptos, traíndo os ideais da luta pela independência

Na obra de Abdulai Sila, *Eterna paixão*, Daniel, o protagonista afroamericano, “encontra um outro território, muitas vezes somente em sua imaginação ou no nível psicológico e sentimental, onde pode satisfazer sua demanda de pertencimento, de aceitação, de realização”(AUGEL, 2007), já que existem aspectos de uma determinada cultura nacional, no caso da obra, a anglo-americana, que distanciam os indivíduos de suas raízes, gerando sentimentos ambíguos. Como resultado, Daniel, após a emigração para a África, com o tipo de vida que opta levar, “sente-se recompensado de todas as humilhações e dificuldades por que passou a ponto de auto-identificar-se como africano, negando ser estrangeiro, apresentando-se como “filho de emigrantes” (AUGEL, 2007). Dessa maneira, Daniel, a partir dos sofrimentos que teve em uma parte de sua vida, em que fora discriminado, torturado e a maior das decepções, a qual destruiu a instituição que considerava de respeito, de amor verdadeiro, a decepção com a esposa, passa a ter uma nova paixão, a comunidade Woyowayan: “A minha paixão é eterna” (SILA, 1994).

4. CONCLUSÕES

Como a pesquisa está em fase inicial, ainda faltam muitas leituras para compreender todo o contexto pós-colonial, em que se observará como agem os indivíduos desse espaço marcado por lutas, nacionalismos e ideologias político-sociais e históricas consideradas subalternas. Contudo, percebe-se a existência de uma nova organização estruturante político-social, em que os países

considerados subalternos passam a ter um espaço, seja através de suas economias, que estão aparecendo no cenário mundial, seja através de produções culturais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JR. Benjamin. **Literatura, história, política:** Literaturas de Língua Portuguesa no século XX. São Paulo: Ática, 1989.

APPIAH, Kwame A. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Trad. Roberto Raposo. 11ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro:** Nação, Identidades e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo F.. **Literatura Comparada:** textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap.XX, p. 227-238.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Org.: Liv Sovik. Trad.: Adelaine La Guardia Resende ... [et all]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-moderno.** Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada:** História, Teoria e Crítica. São Paulo: EDUSP, 2010.

SILA, Abdulai. **Eterna paixão.** Bissau: Ku Si Mon Editora Ltda,1994.

SPIVAKI, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas.* **O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

VALANDRO, L. **A difícil mistida guineense:** nação e identidade através da trilogia de Abdulai Sila. 2011. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas). Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.